

# azul e verde



isabel milhanas machado  
rafaela nunes



ISABEL MILHANAS MACHADO (TEXTOS)  
RAFAELA NUNES (DESENHOS)

# Azul e verde

**GATO·BRAVO**



© Editora Gato-Bravo, 2021

Não é permitida a reprodução total ou parcial deste livro nem o seu registo em sistema informático, transmissão mediante qualquer forma, meio ou suporte, sem autorização prévia e por escrito dos proprietários do registo do *copyright*.

*editor* Marcel Lopes  
*coordenação editorial* Paula Cajaty  
*revisão* Margarida Fontes  
*projecto gráfico* Bookxpress  
*imagem de capa* Shutterstock

*Título*

Azul e Verde

*Autoras*

Isabel Milhanas Machado

Rafaela Nunes

*Impressão*

Europress Indústria Gráfica

isbn 978-989-9069-03-9

e-isbn 978-989-9069-04-6

1ª edição: dezembro, 2021

Depósito legal 493023/21

**GATO•BRAVO**

rua Veloso Salgado, 15A

1600-216 Lisboa, Portugal

tel. [+351] 308 803 682

editoragatobravo@gmail.com

editoragatobravo.pt

*Aos bichos e às silvas.  
Ao medo e ao amor.  
À Mãe, a terra. Ao Pai, o mar.*

## Sumário

E de repente era isto...  
na cama cabem dois...  
A salvação não era possível....  
Fontane...  
perdeste a última temporada...  
Sentei-o ao meu lado e disse-lhe...  
Devia amaldiçoar os que foram namorados...  
aquele terror era o nosso...  
nunca pensei que fosses morrer....  
Na nossa terra os mares são quotidianos,...  
a mesma senhora...  
vinte...  
e todas as histórias que nos contavas na rua...  
Não sei se a luta é minha...  
diz a voz ao telefone...  
duas palavras...  
e Deus, nem sinal?...  
são mais quedas do as que imaginámos....  
As plantas afogam-se em água...  
O pai disse...  
a nossa cidade foi tomada...  
vais embora...  
Quando descia as escadas estavas no sofá...  
eu ia ter gola alta preta...

se às tantas o nosso encontro...  
não me lembro se o teu ruivo era natural...  
sabias bem do solo húmido...  
vou sabendo de cor a canção...  
voltas em Fevereiro?...  
Hoje as cinco da tarde não servem para nada...  
a mãe dizia que...  
essas nódoas negras...  
aqui não...  
E de repente era isto...  
Tolice a minha...  
E não havia assim tanta coisa...  
nas ruas deixaram de nos ver...  
os vinte anos que nos separam...  
E talvez a jangada fosse...  
se caio é para sempre....  
dizem que a vida conjugal não presta...  
não é por acaso que o teu nome rima...  
Nas ruas as cortinas estão fechadas...  
quando acendi o candeeiro vi a tua cara virada para cima...  
éramos jovens do liceu...  
perdemos tanto...  
no braço correm aves daninhas...  
prometemos voltar um dia...  
Sete vezes a vida toda...  
Concordamos no bem-fazer...  
a voz arrastada em suspiros agudos...  
seria idiota se a conhecesse...  
encontraram-te enforcado...  
És vagabundo e claro que tal bondade não poderia ser...  
o teu fumo a sair da janela...

e depois lembro...  
somos disciplinados e puros...  
o fundo da ferida...

*Let the bed sheet  
Soak up my tears  
And watch the only way out disappear.  
Apparat, "Goodbye"*

*A ficção não é a criação de um mundo  
maginário oposto ao mundo real. É antes  
o trabalho que opera dissentimentos.  
Jacques Rancière [trad.],  
"O espectador emancipado"*

*“Azul”: do Persa lazward,  
lápiz-lazúli, uma pedra preciosa*

*“Verde”: do Latim viridis,  
possivelmente derivado de uma  
palavra significando “planta que cresce”*

E de repente era isto  
era aquele livro que eu lia na escola  
“gente feliz com lágrimas”  
e ficar à espera da roupa lavada e do Céu  
Subirmos as escadas e haver apenas vidas em contingências  
eram roupas e brinquedos puxados a carroça  
oportunidades de vida que se descobriram em frente de casa.  
Começa a assustar-me isto da vida ser tão perto do desgosto  
que se dobra em diante nesta ilusão de que os santos são pais e há  
dignidade.

O incenso verde revolta as minhas memórias de criança  
tão pequeninas  
tão pequeninas  
tão descalças que nem a outra que ia para a fonte  
as viagens de heróis no tempo branco  
o mudar de rumo em noites de nevoeiro  
De Lisboa para qualquer sítio  
À entrada na calçada de carriche, pede-nos que não durma  
somos teimosos ambulantes à espera de chegar  
foram quatro meses fora e agora nunca mudamos de sítio.





NA AREIA MOVEDIÇA  
ME FICO

na cama cabem dois

somos nós e a doença  
faço-te festas na cabeça  
talvez a morte se esqueça

A salvação não era possível.  
Corpos enterrados, quais militares,  
aprendem a sorrir  
estão à espera do que a vida lhes prometeu  
descansam os pincéis e as cortinas vermelhas  
acabam de 15 em 15 e regressam  
enchem as medidas do que está exposto.  
São gatos que se lambem à janela  
a vida passa para alguns  
mochilas às costas e aliança no dedo  
as janelas estiveram abertas mas há ar condicionado  
podia ser verão  
mas é inverno e está frio  
adquirimos consciência dos golpes laborais  
esquecemos de onde somos naturais  
é aquele tipo de pormenores que deixam de fazer sentido  
quando  
não há mulher nem filho à espera  
nem homem ou criada  
há uma zona de serviço aqui perto  
vendem bolos e tabaco  
mas nós não temos tempo de lá chegar  
trinta minutos sem nenhuma intenção  
vamos a toque de caixa  
quase nos esquecemos  
cá fora é verão



